

[EDUARDO MOTTA]

Artista plástico, graduado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fundador e editor de conteúdos na Radar – Inteligência e Projetos de Moda. Consultor convidado do Senac-SP e Senac-NE. Autor e editor do livro *O calçado e a moda no Brasil: um olhar histórico* (Assintecal, 2005). Publicou *O lugar maldito da aparência* pela Estação das Letras e Cores (2013).

E-mail: eduardomotta@radarconsultoria.com

Um esboço de Brasil

Foto: Caetano Nascimento

Recentemente, pude ver o Brasil pelo olhar de dois estrangeiros. Juntos, atravessamos um pedaço do país salpicado de praias e *fashion weeks*, moldado pela arquitetura, amedrontado pelos crimes urbanos, envergonhado pelo Pastor Feliciano e contaminado pelos movimentos da campanha política de 2014.

Meu escritório convidara a curadora do Museu de Moda da Antuérpia, Karen Van Goetsenhoven, para uma série de palestras. Ela chegou ao Brasil junto com o namorado, Hans Caarls, um arquiteto interessado em comida incomum, de gestos discretos e dono de um insuspeitado senso de humor. Durante a viagem, a presença dele determinou deliciosas visitas a projetos arquitetônicos brasileiros. Armáramos um roteiro que deveria ser para eles, os estrangeiros, mas, passados os dias de muitos voos e hotéis, caiu a ficha do quanto a experiência se tornara também nossa.

Desembarcamos inicialmente em Fortaleza. Vindos de Bruxelas, Karen e Hans haviam feito uma parada em Lisboa. Eu e minha parceira de trabalho, Fernanda Daudt, vindos de Porto Alegre, ganhamos algumas horas entediadas no aeroporto de Viracopos, em Campinas, no estado de São Paulo. Nunca havia procurado saber o porquê deste nome curioso, Viracopos. Parto agora para minha primeira digressão de conhecimento histórico/turístico neste texto, que deve abrigar muitas delas. Existem duas versões sobre a origem do nome Viracopos. A primeira sugere que um desentendimento entre o pároco do bairro e seus habitantes, em uma noite de festa, resultou em bebedeiras, brigas e quebra das barracas da quermesse da Igreja. Posteriormente, a palavra usada pelo padre nos sermões, para se referir ao acontecimento, era "viracopos".

Outra versão conta que no local hoje ocupado pelo aeroporto havia um bar onde tropeiros se encontravam para "virar copos", descansar e trocar informações sobre viagens. "Viracopos" deu nome ao bairro e, mais tarde, ao aeroporto. Se alguma delas é verdadeira, não posso afirmar com o devido rigor, mas gosto de ambos os relatos, e gosto da literalidade de acento português que o nome sugere.

Voltando ao fio condutor deste relato, vou esclarecer melhor por que havíamos chegado a este ponto, eu e Fernanda, ciceroneando pelo país uma curadora de moda e um arquiteto vindos da Bélgica.

Espremada entre países de histórico forte na área, como a Itália e a França, nada mais improvável que a Bélgica se tornasse referência no campo da moda. Some-se a isso o fato de que os belgas, em razão dessa proximidade com vizinhos poderosos, não estabeleceram um sentimento coletivo de autoconfiança que sugerisse o protagonismo que viriam a alcançar. O MoMu, museu do qual Karen é curadora de exposições, é uma das raras instituições bem-sucedidas nesta área complicada, a da memória da moda, conceito que é por si só uma espécie de paradoxo. Favorecido pelo surgimento de uma geração talentosa no começo da década de 1990, o MoMu é a memória e o laboratório vivo para esta pequena e significativa epifania, e o grupo belga, que ficou conhecido como os Antwerp Six, junto com Martin Margiela, é responsável por um dos maiores impactos na área dos últimos 30 anos. A combinação do talento dos jovens designers com a força de um bom programa educacional, somada à participação governamental, viraram o jogo de forma fulminante. Hoje, falar em Antuérpia é quase um sinônimo de moda que pressupõe experimentalismo e qualidade. A moda na Bélgica é atividade associada à capacidade criativa, provém, no entendimento comum, de um esforço educacional e conta com um museu ativo para registrar os feitos passados e investigar o futuro. Nada mal. Pois bem, a moda no Brasil vai escrevendo história própria. É mais abordada na sua dimensão comercial e seus atores têm dificuldades para estabelecer parâmetros de criação livres dos vícios adquiridos no passado. De um lado pela herança colonialista, que impõe um excessivo apeço pelo que vem de fora das próprias fronteiras, de outro pela rede protetora que, no início, ajudou a moda a se firmar por aqui. Como efeito colateral, esta mesma rede hoje dificulta uma avaliação realista sobre as reais qualidades e deficiências dos seus atores, sejam eles históricos ou contemporâneos. Pois bem, ao nosso escritório interessava (e interessa) atuar exatamente neste ponto nervoso, e a experiência belga, se excluirmos o apoio governamental e guardadas outras diferenças continentais, nos pareceu ter pontos de convergência reveladores da condição brasileira. Explicados os porquês deste *tour*, vamos à primeira parada:

Em Fortaleza

A semana de moda cearense é posicionada como mais autoral que as outras, mais ligada à cultura regional que as demais, e construiu um modelo em parte fundado nestas afirmações, em parte estabelecendo diálogo com o modelo tradicional. Eu já estivera lá antes. Na época anotei:

A cidade é o palco plano e quente do espetáculo da especulação imobiliária que avança vertical e indiscreta sobre a capital nordestina. Pelas avenidas largas, margeadas por concessionárias de automóveis, tão reluzentes como o que nos levava, voltamos ao agito do Dragão Fashion, semana de moda que é entrelaçada com a cultura regional, enquanto se movimenta com desenvoltura no caldo da moda contemporânea e global.

Tudo permanecia como eu descrevera um ano antes, desta vez amplificado pela receptividade afetuosa concedida por nós brasileiros a quem nos olha de olhos claros e nos fala com notória dificuldade com a língua. Vi outras capitais abrirem mão deste atributo pela cordialidade fria do cosmopolitismo. Não posso lamentar, nem saudosista sou, mas foi ótimo desfrutar desta qualidade preservada na capital nordestina.

Não ficamos apenas deitados nas areias ou mergulhando nas águas mornas que banham a cidade. Mesmo porque estas práticas tão brasileiras não são populares nas praias de lá, repletas de atrações e esvaziadas de banhistas. Trabalhamos bastante em Fortaleza. Assistimos a um desfile do Lino Vilaventura, veterano de grandes momentos da moda nacional, ministrei uma oficina de práticas criativas e assistimos a alguns desfiles. Karen falou para convidados na cerimônia de abertura e ouvimos outras falas e depoimentos de agentes locais. Estes, marcados pela emoção com a realização efetiva, e não pelo discurso de gestão, viciosamente entronizado

nas práticas profissionais do país. Na última noite, apesar da oferta de restaurantes de nomes sofisticados, optamos por um pequeno estabelecimento em um bairro afastado. O lugar chamava-se Sovaco de Cobra. Lá, abrigados pela impossibilidade zoomórfica, experimentamos cachaças variadas, boa comida e nos deliciamos com a experiência. Se Fortaleza é o palco da especulação imobiliária, um retrato do dinheiro novo que circula pelo país, é também o cenário de expansão da moda brasileira. Um sem-fim de pequenas confecções espalham-se pela cidade, um poderoso arsenal de técnicas artesanais está à espreita em cada canto, e uma geração nova e sedenta por se colocar no mapa global comparece a palestras, oficinas, desfiles e discussões. Nada mal. Mesmo. Quem é da área e ainda não se deu conta do que está acontecendo por lá, é melhor colocar o assunto em dia.

Momento para belga, chinês, norueguês ou brasileiro não ter visto: na Praia do Futuro, repleta de barracas e mesas com frequentadores, deitamo-nos na areia, bem próximo a uma delas. Segundos depois, um passante nos advertiu que era perigoso ficar ali, fora do espaço da barraca. Mudamos apressadamente de local, sem oferecer grandes explicações para os nossos convidados.

No Rio de Janeiro

A fim de dar a última aula, fiquei mais um dia em Fortaleza, enquanto nossos convidados estrangeiros embarcavam para o Rio de Janeiro sem esconder a excitação. Pudera, em relação ao Rio, também nós nos sentíamos da mesma forma. Afinal de contas, o Rio é dessas cidades míticas para o imaginário global e não costuma decepcionar nem as melhores nem as piores expectativas.

Graças à diligência refinada da Fernanda, alugáramos um enorme apartamento de esquina, espaçoso, livre de objetos de gosto duvidoso, alto e debruçado sobre o Copacabana Palace. Tínhamos acesso a uma extensa varanda, que contornava toda a fachada e abria-se para um naco generoso de areia branca e água azul, de um lado, e montanhas verdes e rochas de outro. Com essa base pronta, partimos para a exploração. O primeiro dia deles (sem a minha presença) foi dedicado à visita ao Cristo. *Breathless!* Afirmaram todos. À noite, para a palestra no Parque Lage, cheguei direto do aeroporto e poucos minutos antes da hora marcada ao prédio que Karen descreveria em rede social como localizado no meio da "jungle". Não conhecíamos nossos parceiros na cidade, havíamos tratado dos preparativos por emails e telefonemas, e tanto as instalações quanto a receptividade confirmaram o acerto. Uma bela sala, um público interessado e a boa performance da Karen compensaram as dificuldades da tradutora. No saldo, tudo correu bem.

Neste ponto peço licença para introduzir uma nota pessoal. Ludibriado por todo o grupo, inclusive pela surpreendente capacidade belga de dissimulação, fui conduzido a um apartamento onde me aguardava uma festa surpresa. (Era meu aniversário). Enquanto emagrecia carências e engordava o ego, nossos convidados aproveitavam a oportunidade de conviver em um legítimo apartamento carioca com a típica alegria local. Isso até bem tarde na madrugada. Voltamos todos ao nosso apartamento caminhando pelas ruas de Copacabana. Dia perfeito este.

No segundo, cruzamos o Aterro ensolarado e demos de cara com o MAM de portas fechadas. Compensamos a decepção com encantamento do Hans pela estrutura externa e com o amplo vão sustentado pelas colunas do Reidig. Dali fomos para o MAR, o novo museu carioca. Do terraço avistamos o centro do Rio, barulhento e caótico como um canteiro de obras. Ótima a visita. A cidade tem sua história contada em obras e a arte brasileira é apresentada em coleções estrangeiras. Momento tautológico, com o olhar estrangeiro visitando acervos selecionados por olhares também estrangeiros.

No meio da tarde rumamos para o Leblon e nos empenhamos na tentativa de conseguir uma mesa grande no apertado restaurante Celeiro. O grupo havia crescido com a presença de Luiza Marcier, diretora do Museu da Moda (que deve abrir as portas na cidade em 2014), a assistente dela, Rafaela Seda, e o assistente do nosso escritório, Ramon Steffen, que viera do Sul para acompanhar o resto da viagem.

À noite, rumamos para o Fashion Rio, na Marina da Glória. Fomos recebidos por uma pessoa da equipe da Luminosidade, que cuidou de nos assentar em dois desfiles. O primeiro deles não trouxe nenhum momento especial, nenhuma ideia particular. Conversamos bastante a respeito para chegar ao ponto do qual partíamos: desfiles assim desperdiçam a oportunidade. No centro das atenções de um batalhão de especialistas e disputando o cobiçado retorno em mídia espontânea, deixam passar o momento de

tirar partido da situação. No segundo desfile, Oestudio não perdeu a deixa e apresentou roupa inventiva com bom uso dos recursos que um desfile pode disponibilizar.

A estadia carioca ainda rendeu uma ida ao Museu de Arte Contemporânea (MAC), em Niterói. Confesso que foi minha primeira visita ao Museu projetado pelo Niemeyer. Encravado em um ponto espetacular, fantasioso como uma obra de ficção, o prédio obscurece qualquer senão, da água suja da baía ao acabamento canhestro. Diante da imensa paisagem aberta para o Rio, Karen comentou: agora entendi por que é que ele está deste lado, e não do outro. Realmente não fosse por razões arquitetônicas, a vista da cidade do Rio de Janeiro, do outro lado da baía, valeria por si só.

Voltamos apressadamente para um resto de sol nas areias de Ipanema. Caiquirinhas nos mantiveram por lá até as 20 horas, em um daqueles momentos raros que costumamos atribuir como frequentes nos destinos tropicais.

Um boteco profissional do Leblon abrigou nossa última noite. No dia seguinte, um domingo, deixamos nossos amigos transitando sozinhos. Nas andanças por Ipanema, viram o corpo de um homem morto em uma rua movimentada do bairro. Narraram o fato sem saber explicar exatamente o que se passara.

A esta altura, São Paulo ficava cada vez mais nítida no horizonte.

Em São Paulo

Pousamos na cidade à noite, velozmente engolidos por um mar de pequenas luzes que se estendiam pelos quatro cantos do horizonte. Nossos convidados não tinham ideia do tamanho real da cidade. Enquanto pousávamos, iam conferindo conosco algumas informações básicas e surpreendentes para eles.

Em dois táxis, saímos do aeroporto de Congonhas para o hotel na Paulista. As torres iluminadas, a temperatura vários graus abaixo e as pessoas agasalhadas pela rua provocaram comentários atônitos. É como um outro país, diziam. E era mesmo, concordamos.

O hotel confortável e impessoal instalou a impressão de que São Paulo era também como todas as grandes cidades do planeta. De banho tomado e com agasalhos leves, caminhamos poucas quadras para chegar ao Spot e dividir o espaço com frequentadores "cosmopolitas", na definição dos nossos convidados. Na mesa ao lado, Francisco Costa, que desenha a Calvin Klein, bebia com amigos. Àquela altura, um círculo se fechava. Tudo era diferente, mas, de certa forma, complementar. A força da cultura popular e do dinheiro novo que atravessa a arquitetura e a moda no Ceará, a velha corte carioca com seus vícios, agrados e belezas estupendas estavam definitivamente trocadas pelas paredes envidraçadas dos prédios de escritórios. Cortejados por cardápios bilíngues, pelo profissionalismo de gente apressada, e pela incontornável exigência de bom desempenho que a globalização impõe, havíamos deixado de vez os clichês do país tropical.

Na primeira manhã em São Paulo, um táxi nos levou ao Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga. Ficou claro que enfrentar o tráfego e atravessar bairros tipicamente paulistas, para estacionar ao lado de um jardim francês de sebes bem aparadas e repuxos brancos contra o céu, pode ser uma experiência curiosa para um estrangeiro. O prédio imponente estava fechado. Como tínhamos agendado a visita, a diretora de conservação, uma mulher bonita, falando um inglês impecável, nos guiou pelos interiores kafkianos da instituição. Para chegar à sala dela, subimos estreitas escadas, atravessamos portas baixas e cruzamos uma singular passarela que cruzava sobre o telhado de uma área que divide as duas torres. Uma vez do outro lado, ela nos mostrou um grande recorte no chão que expunha as estruturas internas do edifício. Estamos com problemas, ela revelou, os técnicos estão examinando a partir deste ponto, e apontou o corte que expunha a fragilidade do prédio ameaçado pelo próprio peso. Pareceu-me como se o artista norte-americano Gordon Matta Clark houvesse aprontado uma das suas históricas investidas noturnas e roubado um retalho da velha estrutura.

Pacientemente, ela nos mostrou em imagens na tela do computador o acervo que não estava exposto por falta de espaço e condições. Artefatos japoneses, europeus e de outras origens traíam a diversidade cultural brasileira e desafiavam a compreensão da curadora estrangeira, acostumada ao recorte nacional dos objetos no seu museu.

Dali partimos para o hotel e gastamos o resto da tarde caminhando a pé pela região dos Jardins. Passamos pela livraria Cultura, visitamos as lojas Alexandre Herchcovitch, Osklen e Adriana Barra. Karen experimentou dois vestidos do Alexandre, olhou atentamente as costuras internas de um casaco e aparentemente gostou do que viu, Nada lhe caiu bem o suficiente para que ela sacasse o cartão de crédito,

entretanto. Na Osklen, mesmo depois de se espantar com os preços e comentar que a peça escolhida, uma saia curta de tricô em preto e marrom, fora do contexto não carregava nem a marca nem o Brasil, pagou por ela e saiu feliz com a pequena sacola branca. Era um momento particular, obviamente, e não uma pesquisa. Quando atravessávamos a Oscar Freire, meu telefone tocou. Do outro lado ouvi a voz da Cristiane Mesquita. Era ela o nosso contato em São Paulo, a organizadora da terceira e última apresentação da Karen no Brasil. Cristiane nos convidava para o lançamento de um livro do qual ela fizera a edição de textos e assinara um deles. Passamos rapidamente no hotel e fomos ao lançamento. Bastou chegar ao local para ver que havíamos tomado uma decisão acertada. Um grupo respeitável passou por lá. Ainda que breve e social, o momento deu dimensão positiva da cena acadêmica em torno da moda brasileira. Hans ficou mobilizado com o ambiente da Livraria da Vila na Alameda Lorena. Os cortes entre os diferentes andares, as soluções no desenho das estantes e toda a despretensiosa mas sofisticada racionalidade do projeto lhe causaram forte impressão.

Na manhã seguinte, assim que possível, partimos para uma visita cronometrada à exposição curada por Hans Ulrich Obrist na Casa de Vidro, residência projetada pela Lina Bo Bardi e onde ela viveu por 37 anos, no Morumbi. Chegamos lá às 11 horas conscientes de que teríamos apenas uma hora para a visita e mais outra para chegar ao CCBB, no centro da cidade, onde aconteceria a palestra e Karen daria uma entrevista para o site da Lilian Pacce. A Glass House é um desses espaços miraculosos pela qualidade visionária da concepção arquitetônica e arrebatador pela perfeita integração com o terreno, que o visitante pode explorar em pequenas trilhas nas encostas verticais. Além disso, havia a exposição. Duas fotos de Gilbert Et George, clicados no interior da casa, os bancos assinados pela Rivane Neuenschwander em disposição mimética com a mobília original, o espelho do Olafur Oliasson, as caixas do Paulo Nazareth nas áreas externas. Cildo Meireles recompôs uma cena imaginária em que a voz de Pietro Maria Bardi, marido de Lina, ecoa pela casa dizendo: *Lina, va fare um cafe!* (Lina, vá fazer um café!) O tom imperativo, com algo de chauvinista, dá ainda mais graça à peça de ficção. Na saída, enquanto esperávamos pelo táxi, o porteiro nos contou vários casos em torno da exposição. Falou-nos do vizinho incomodado com o velho carro estacionado diante da casa no bairro nobre (obra do Paulo Nazareth em referência a um idêntico que Lina teve no passado), o do menino que levado pelo pai revoltou-se pelo fato de a casa não ser exatamente uma casa de vidro, o dos vândalos que haviam quebrado uma obra.

No Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), na região central da cidade, de casa cheia, Karen precisou evitar, outra vez, responder à pergunta que todos haviam insistido em fazer durante toda a viagem. O que ela achava da moda brasileira? Neófito no assunto, ela não tinha como saber. A esta altura, entretanto, já se dera conta da diversidade e da complexidade da produção, pulverizada pelas enormes distâncias regionais e pelos aportes de culturas diferentes. Não assistira aos desfiles da SPFW, não vira todos os do Rio, não esteve em Minas, no Acre, no Piauí ou no Rio Grande do Sul. Também não conhecera outras marcas, escolas, designers e lojas, mas teve diante dos olhos uma amostra considerável da moda nacional, experiência atravessada por arte contemporânea, arquitetura moderna, gastronomia e agudos contrastes culturais. Sem condições de opinar sobre moda brasileira, ela se concentrara em apresentar da melhor forma a experiência belga. Ressaltou o papel da educação, das instituições culturais e, principalmente, deu ênfase na criação como vetor para se chegar a qualquer coisa que não seja a mediocridade do lugar-comum dos fenômenos momentâneos, que não se enraízam como manifestação imaterial, além das óbvias implicações materiais. Na mesa, como mediadores, eu e Cristiane ajudamos da melhor forma possível a reiterar esta e outras ideias. Ao contrário dela, entretanto, sabíamos bem dos problemas tanto quanto das grandezas da moda Made in Brazil. Naquele momento em particular, também nos era possível enxergar o saldo magro da atual temporada brasileira.

Um pouco ali no CCBB, um tanto mais tarde com a Fernanda, nossa convidada foi sendo inteirada do que se passava. Ela nos ouvia atentamente enquanto narrávamos a saga das marcas de alta qualidade brasileiras, preteridas por marcas estrangeiras que podiam ser compradas aqui ou no exterior. Explicamos como as brasileiras haviam se tornado proibitivamente caras, castigadas pelo famigerado Custo Brasil. Como várias haviam desfalcado o *line up* das recém-terminadas *fashion weeks* e outras se

apresentaram sem grande impacto, deixando espaço para os grandes fabricantes de *streetwear* e para os ateliês da moda feita sob medida. Outra conversa tratou da migração de 40 milhões de brasileiros para melhores padrões de consumo, e não necessariamente para melhores padrões culturais. Todo um novo cenário se desenhando diante dos nossos olhos e dos dela, antes que o anterior tivesse chegado à melhor forma. A velha história de não chegar ao apogeu.

Já era bem tarde da noite quando caminhamos a pé pela feiura urbana da Augusta, no lado que desce em direção ao centro, para comer sanduíches *veggies* e beber no Carniceria. Voltamos esgotados para o hotel.

Na manhã seguinte, a derradeira dessa viagem, atravessamos a pé um longo trecho da Avenida Paulista para chegar ao Instituto Cultural Itaú e assistir a uma coletânea de filmes do artista Cao Guimarães. A última cena de que me lembro é da silhueta de Fernanda, Karen e Hans contra a tela iluminada. Nela, em um filme brilhantemente fotografado, formigas enormes carregavam diligentemente uma miríade de confetes coloridos, destes que costumam restar pelo chão nos dias finais de carnaval, até sumirem com o brilho e a cor deles dentro de um pequeno buraco, escuro e voraz, aberto no chão.

Pouca cultura e muita saúva os males deste Brasil são, pensei, enquanto meu avião voava para Belo Horizonte, poucas horas depois. Os belgas já deviam estar no ar, Fernanda e Ramon também, e o Brasil, deitado em berço esplêndido, permanecia ali, abaixo de todos nós. Essa é uma viagem sem fim, considere. E este é um daqueles textos sem possível conclusão. Para compensar, vai aí o trecho de um artigo de Ricardo Gaiotto de Moraes,¹ no qual ele usa o herói da obra de Mário de Andrade, Macunaíma, um herói sem nenhum caráter, para fazer um esboço do Brasil.

Ele iniciou com uma transcrição do texto de Mário.

No fundo do Mato-Virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

- Ai! que preguiça!

E emendou:

Macunaíma, "herói de nossa gente", nasce no Mato-Virgem, ou seja, ligado a uma paisagem. Não tem pai, a não ser que consideremos como pai elementos do próprio ambiente geográfico. Nesta passagem, podemos perceber o nascimento de um mito, que tem em si características - ser sapeca e a preguiça - próprias de um ambiente.

Para concluir em citação filosófica:

Se compararmos essa passagem a outra de Spengler, perceberemos que o nascimento de Macunaíma nos mostra o nascimento de uma cultura: 'Uma cultura nasce no momento em que uma grande alma despertar do seu estado primitivo e se surpreender do eterno infantilismo humano; quando uma forma surgir em meio ao informe; quando algo limitado, transitório, originar-se no ilimitado, contínuo. Floresce então no solo de uma paisagem perfeitamente restrita, ao qual se apega, qual planta.'

^[1] Esta e as demais citações a Mário de Andrade foram extraídas de *Macunaíma: um esboço do Brasil*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/m00004.htm>>. Acesso em: 30 maio 2014.